

## **Cidade, graffiti e os desafios da pesquisa etnográfica na cidade de Natal/RN – Brasil<sup>1</sup>.**

José Duarte Barbosa Júnior – IFRN

Lisabete Coradini – PPGAS/UFRN

### **RESUMO**

Este trabalho aborda a experiência e os desafios à pesquisa que cruza urbanismo, arte de rua e imagem, especificamente a cidade do Natal e a sua construção através dos murais grafitados. Colocamos o problema de como os grafittis abstraem a excessiva dureza da cidade. No âmbito das imagens da cidade, há um campo de possibilidades, ou seja, de estratégias, para a negociação dos significados. Como experiência da nossa pesquisa, consideramos as possibilidades dos *grafittis* como *registro documental*, *obra de arte* e *comunicação visual*. Enquanto *registro*, os grafittis em questão contam histórias inscritas no tecido urbano e, tornam-se assim documento de uma ação e de uma relação entre aquele que intervém no espaço e os que veem sua intervenção. Enquanto *obra de arte*, os grafittis atuam como estratégias de afecção, de uma intenção de afetar um determinado público. Enquanto *comunicação*, os grafittis estabelecem um processo ativo de circulação de imagens e significados. Os murais os quais chamamos atenção colocam, muitas vezes, temas objetivos (ou seja, possíveis que são de tornar-se objeto do pensamento), frases literais cujo campo de possibilidades significativos oscilam entre a experiência individual e a coletiva. Como desafio, coloca-se novas estratégias da pesquisa de campo, o que implica um constante acompanhamento das ações dos nossos interlocutores e do estabelecimento de uma relação de proximidade que inclua interesses compartilhados. Outro desafio é estabelecer um diálogo entre as imagens e como reescrever as imagens na etnografia, considerando que, muitas vezes, para seus autores elas são o texto.

Palavras-chave: cidade, graffiti, arte de rua, imagens da cidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

## **Cidade, graffiti e os desafios da pesquisa etnográfica na cidade de Natal/RN – Brasil.**

José Duarte Barbosa Júnior  
Lisabete Coradini

O presente trabalho busca problematizar a produção de imagens na cidade do Natal através de intervenções visuais convencionadas pela literatura e localmente como *graffiti*. A problematização está amparada pela pesquisa de campo e seus procedimentos metodológicos que incluíram caminhadas exploratórias por regiões centrais da cidade, o estabelecimento de uma rede de interlocução, participação em eventos e levantamento imagético.

O histórico da presente problematização pode ser remetido à experiência anterior dos autores com o tema cidade e suas imagens. Num primeiro momento a cidade é problematizada a partir da sociabilidade que algumas formas de apropriação podem criar, como é o caso das praças e dos jogos. Num outro momento a cidade é abordada em seus limites concretos e imaginados na percepção e significação dos lugares por seus moradores e vizinhos.

Ainda que partindo de diferentes perspectivas para então abordar a relação cidade e imagem, e aqui mais especificamente a relação cidade e graffiti, tal relação colocou questões desafiadoras: quais as relações possíveis entre cidade e graffiti? É essa relação evidente? Como se dá a produção do significado dessa forma de intervenção urbana? O que é o graffiti para o estudo na área de humanas? Quais possibilidades se desprendem de tal trabalho para o estudo da imagem para a pesquisa etnográfica?

Antes de avançarmos será preciso informar ao leitor as condições locais e as delimitações do campo e do objeto pesquisado. No que diz respeito às condições locais, a pesquisa parte da cidade de Natal/RN entre os anos 2015 e 2016, ainda que possa utilizar acervo fotográfico de anos anteriores. Como objeto tomamos a relação hipotética entre cidade e graffiti, que por sua vez pode estar inserida num campo de lutas simbólicas ou semânticas e negociações dos sentidos e dos significados da cidade.

Talvez seja importante ressaltar a natureza plural do que tem se convencionado chamar “graffiti”, mesmo a sua grafia, caso se sinta a necessidade de classificar os

diferentes tipos convencionados sobre a mesma égide. A nós, nos interessa particularmente, para alcançar os objetivos de nossa pesquisa, as intervenções visuais que modificam o meio urbano e afetam de alguma forma as pessoas. Por questão de recorte, abordamos intervenções visuais “complexas” como é o caso dos graffitis do tipo mural ou lambe-lambe.

Imagem 1- O olho de POK

Uma das primeiras impressões de familiarização e estranhamento deu-se pela constatação de que, parte das intervenções através do graffiti estavam em locais eu poderíamos chamar intersticiais ou de passagem: muros de terrenos baldios, equipamentos urbanos como viadutos e passarelas, imóveis abandonados. Outra parte, algumas intervenções apresentam-se em locais extremamente movimentados e centrais: igualmente equipamentos urbanos como as paredes de vias elevadas, muros de imóveis públicos e privados e nas mobílias urbanas.



As duas observações não significaram uma redução absoluta do fenômeno observado, mas um exercício de organizar o dado disperso das imagens pela cidade. Como veremos, a seguir, as possibilidades de significação e interpretação, evidenciam, pelo menos, para o cientista social uma dimensão de engajamento político relativo aos processos sociais vividos pelos artistas na rua.

À primeira vista, caso a percepção do receptor atine para a distribuição espacial dos objetos e das imagens, as intervenções artísticas no espaço urbano parecem decorar a cidade e, de acordo com a idiosincrasia de cada cidadão, parecem ainda embelezar a cidade, suja-la ou podem passar despercebidas. Um olhar mais detido será capaz de perceber um pouco mais de complexidade ao considerar cores, traços e temas.

O ser pensante que é o cidadão pode dessa forma interromper, continuar ou começar um processo cognitivo ao “esbarrar” visualmente, por força do universo complexo das imagens da cidade, em um novo traço, um objeto, um sinal ou um diagrama, para pensar o que é, quem fez e por que o fez.

Como se dá a produção do significado das intervenções visuais através do graffiti para a vida cidadina? Como algumas imagens em lugares específicos tais como o graffiti podem afetar o cidadão? Quais as possibilidades de interpretação para os receptores?

A possibilidade de respostas é ampla para questões que são de fato ousadas. Os graffitis desafiam a lei, sobretudo quando intervêm em equipamentos urbanos, por exemplo, de jurisdição federal como são os casos das rodovias, as BR's. Desafiam também a propriedade privada quando se dão sem a devida autorização. Desafiam ainda a própria integridade dos artistas que podem entrar em situações de risco.

Imagem 2 – A fera de Haom



Para alguns dos nossos interlocutores de pesquisa, a superfície plana, e de vez em quando branca, é um suporte convidativo, tal qual uma tela ao pintor. Mobiliário urbano, muros, fachadas de prédios públicos e privados, degraus de acesso a diferentes níveis do solo urbano, placas de sinalização, barricadas, são alguns exemplos de locais onde se pode fortuitamente deparar-se com um graffiti.

Reações e recepções são difíceis de abordar, sobretudo quando as intervenções estão dispostas em interstícios e regiões de grande tráfego. No entanto, a resposta rápida da Prefeitura Municipal em apagar prontamente, é uma amostra de reação do Poder Público e da abertura ou distanciamento dos governos vigentes em suas políticas culturais. Não obstante, as imagens da cidade, outdoors ou graffitiis atuam numa negociação dos significados para os que possuem os receptores ou o “metabolismo” para interpretar em maior ou menor grau o sentido das imagens.

A fim de sistematizar e classificar a nossa experiência de campo resolvemos dispor três categorias provisórias para análise. Do ponto de vista da própria experiência empírica, essas categorias se cruzam e denotam que muitas imagens compartilham qualidades umas das outras. Não queremos substituir os sentidos empregados por seus autores, até porque acreditamos que, na tônica de “dar voz aos nativos”, os graffitiis são em si vozes que se expressam de uma forma particular e criativa as mentalidades de seus criadores.

Imagem 3 – Cabeça aberta de Pok



Como experiência da nossa pesquisa, consideramos as possibilidades dos graffitiis como registro documental, obra de arte e comunicação visual. Como registro, os graffitiis em questão contam histórias inscritas no tecido urbano e, tornam-se assim documento de uma ação e de uma “relação” entre aquele que intervém no espaço e os que veem sua intervenção. Essas imagens interferem no tempo através de sua duração: da sua afixação, através de interferências de segunda mão de outros artistas e mesmo de cartazes ou da prefeitura até a evanescência.

Como obra de arte, os graffitiis atuam como estratégias de afecção, de uma intenção de afetar um determinado público. Não há uma separação radical com a esfera comunicacional, mas reserva-se à égide da obra a capacidade de espantar um público por tamanho, cor, ousadia ou a mistura desses



elementos. Some-se à essa possibilidade de afetar a seleção de signos correntes no seio de uma cultura, grupo e tempo.

Como comunicação visual, os graffiti estabelecem um processo ativo de circulação de imagens e significados. Os murais os quais chamamos atenção colocam, muitas vezes, temas objetivos (ou seja, possíveis que são de tornar-se objeto do pensamento), frases literais cujo campo de possibilidades significativas oscilam entre a experiência individual e a coletiva. Dimensão da obra visual que liga a categoria obra de arte à de comunicação visual poderia ser trazida na expressão do tema artístico, objeto de preocupação do artista, mas algo muito mais do que isso.

Imagem 4 – Outra fera de Haom



No universo pesquisado o tema pode ainda ser uma interseção na dupla possibilidade de representação da imagem. Ali a obra pode ser em grande parte o próprio artista numa dimensão autorepresentativa que muitas vezes se repete. Pode ainda mesclar-se com representações coletivas o que denota a complexidade do que à primeira vista parecia ser tão simples.

Como desafio, coloca-se novas estratégias da pesquisa de campo, o que implica um constante acompanhamento das ações dos nossos interlocutores e do estabelecimento de outras relações de proximidade que incluam interesses compartilhados. Outro desafio é estabelecer um diálogo entre as imagens e como reescrever as imagens na etnografia, considerando que, muitas vezes, para seus autores elas são o texto.

O presente trabalho buscou problematizar a produção de imagens na cidade do Natal através de intervenções visuais convencionadas pela literatura e localmente como *graffiti*. A partir da problematização levantou-se questões acerca do artista e do cidadão no fluxo contínuo de produção e reprodução das imagens e do significado. O graffiti foi abordado em três categorias provisórias de análise: o registro, a obra e a comunicação.

Em sua indissociabilidade no plano real coloca-nos o desafio de compreender os seus liames, desafios que são também os de estabelecer uma relação de proximidade, que entendemos ser um processo bem mais complexo do que o simples estar lá ou estar junto. Talvez a complexidade dessa proximidade seja por um lado o de estabelecer uma interlocução que é uma relação que inclua interesses compartilhados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira Campos. Pintando a cidade: uma abordagem antropológica do graffiti urbano. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

ECO, Umberto. Funções e limites de uma sociologia da arte. In: A definição da arte. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SONTAG, Susan. O mundo-imagem. In: Sobre a fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.